



TENSÃO NO ORIENTE MÉDIO

Trump compara ataques contra Irã a Hiroshima

Presidente dos EUA diz que bombardeio a instalações atômicas encerraram o conflito com Israel, assim como o lançamento da bomba nuclear pôs fim à Segunda Guerra. Parlamento iraniano aprova a suspensão de colaboração com agência da ONU

» RODRIGO CRAVEIRO

Apesar de um relatório da inteligência do Pentágono indicar que os bombardeios dos EUA às instalações de Fordow, Natanz e Isfahan apenas atrasaram o programa nuclear iraniano em até seis meses, o presidente Donald Trump tornou a assegurar que a capacidade do Irã de enriquecer urânio desapareceu por completo. Em aceno contrário, o Parlamento iraniano aprovou a suspensão da colaboração do país com as inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) — a decisão está a cargo do Conselho dos Guardiões, responsável pela revisão das leis.

Trump comparou o contexto do lançamento das bombas antibunkers de 14t sobre Fordow ao das explosões atômicas em Hiroshima e Nagasaki. "Aquele ataque acabou com a guerra. Não quero usar o exemplo de Hiroshima, não quero usar o exemplo de Nagasaki, mas foi essencialmente a mesma coisa. Aquilo acabou com a guerra. Isto acabou com a guerra", declarou Trump à margem da cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em Haia, na Holanda.

O titular da Casa Branca insistiu que a ofensiva americana, na madrugada de domingo passado (noite de sábado, em Brasília), destruiu "totalmente" as instalações nucleares iranianas e que o programa nuclear "retrocedeu décadas". "Não vão construir bombas por muito tempo", anunciou. Trump ameaçou o Irã com novos ataques caso o regime tente retomar o enriquecimento de urânio. Ele anunciou que Washington e Teerã reativarão as negociações e disse que "podem assinar um acordo": "Vamos conversar na próxima semana com o Irã, poderemos assinar um acordo, ainda não sei".

Sobre a guerra na Faixa de Gaza, informou que houve "grandes avanços" rumo a um cessar-fogo entre Israel e o grupo terrorista Hamas. O enviado especial da Casa Branca ao Oriente Médio, Steve Witkoff, afirmou que "Gaza está muito perto" de uma solução.

Atraso

O porta-voz das Forças de Defesa de Israel, Effie Delfrin, foi mais comedido na análise do impacto dos bombardeios

Maxar Technologies/AFP



Fotografias feitas por satélite da central de enriquecimento de urânio de Fordow, na província de Qom, mostram o antes (E) e o depois (D) da ofensiva aérea norte-americana

Palavra de especialista

"É hora da diplomacia séria"

"Ficou bastante claro que os iranianos, em antecipação ao bombardeio americano, removeram o estoque de mais de 400kg de urânio enriquecido a 60% do complexo de Fordow e talvez de outras instalações, incluindo Isfahan. Este material, caso enriquecido até os 90%, forneceria matéria-prima suficiente para cerca de 10 bombas atômicas. Informações da inteligência americana dão conta de que seria necessário pelo menos um ano para que esse material fosse transformado em ogivas pequenas e leves o suficiente para serem lançadas por um míssil balístico. Além disso, o Irã também mantém capacidade de fabricação de centrífugas, um fator que pode ajudá-lo a reconstruir as máquinas para permitir mais atividades de enriquecimento de urânio.

Os ataques dos EUA a Fordow atrasaram o programa iraniano em pelo menos vários meses, mas ao custo de prejudicarem ainda mais a confiança entre as partes. Também devem fortalecer a

determinação de Teerã em reconstituir suas atividades nucleares sensíveis, além de reduzir os incentivos do Irã para cooperar com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Permanece o risco de proliferação a médio e longo prazo. Isso inclui a possibilidade de o Irã anunciar a intenção de abandonar o Tratado de Não Proliferação Nuclear e, possivelmente, prosseguir com o armamento.

Agora é hora de retornar à diplomacia séria e concordar com o retorno dos inspetores da AIEA ao Irã para que eles possam avaliar o status das atividades nucleares do Irã e tentar prestar contas de seu material nuclear, incluindo o urânio altamente enriquecido acumulado antes da guerra.

Daryl G. Kimball, diretor-executivo da organização não governamental Associação para o Controle de Armas, sediada em Washington D.C.

Arquivo pessoal



às usinas iranianas. "Demos um duro golpe no programa nuclear e também posso dizer que o atrasamos em vários anos", disse. "Mas ainda é cedo para avaliar os resultados da operação."

Daryl G. Kimball, diretor-executivo da Associação para o Controle de Armas (em Washington),

contestou a comparação feita por Trump sobre os bombardeios ao Irã e os ataques nucleares contra Hiroshima e Nagasaki, em 1945. "Ao contrário dos ataques ilegais dos EUA no Irã, os bombardeios americanos de 6 e de 9 agosto, respectivamente, nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, mataram 210 mil pessoas. Assim como os

bombardeios no Japão, a ofensiva americana no Irã representa um desvio desnecessário e trágico dos esforços diplomáticos que poderiam ter colocado fim às hostilidades", explicou ao **Correio**.

De acordo com Kimball, os indícios iniciais confirmam que o bombardeio americano a Fordow e a outras instalações nucleares

iranianas danificaram seriamente e até mesmo destruíram algumas delas. "No entanto, o ataque combinado provavelmente apenas atrasou em vários meses a capacidade do Irã de produzir material para a bomba atômica", avaliou. "A ação militar, por si, pode apenas reduzir as capacidades nucleares, mas é incapaz de sua eliminação."

627

Total de iranianos mortos durante os 12 dias de guerra com Israel — o saldo de feridos é de 4.870

28

Número de israelenses mortos, segundo autoridades e socorristas

O conhecimento nuclear, o estoque de urânio enriquecido e a determinação do regime teocrático islâmico em manter o programa em andamento ainda estão lá."

Pesquisador do Centro James Martin para Estudos de Não Proliferação (em Monterey, Califórnia), Sam Lair avaliou que é prematuro inferir se o Irã ficará compelido a construir a bomba atômica, após os ataques de Israel e dos EUA. "Nós teremos que ver a extensão dos danos e qual o sentimento dominante no Irã antes de avaliar se Teerã poderia optar por desenvolver uma arma nuclear."

Lair considera que a comparação entre os ataques ao Irã e os bombardeios em Hiroshima e Nagasaki é "historicamente carregada". "Não está claro se o conflito acabou; o cessar-fogo pode fracassar. A ofensiva contra instalações nucleares não parece ter encerrado a guerra. O Irã golpeou a base americana no Catar, depois do ataque em Fordow. Iranianos e israelenses continuaram a trocar fogo até a trégua começar."

Julien De Rosa/AFP



Rafael Grossi: "Não é um favor, é uma obrigação jurídica"

Cooperação é compulsória, adverte AIEA

Ante a informação de que o Parlamento do Irã aprovou a suspensão da colaboração do país com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), o diretor-geral da organização, o diplomata argentino Rafael Grossi, alertou que a cooperação entre as duas partes é "uma obrigação". "A cooperação do Irã conosco não é um favor, é uma obrigação jurídica, enquanto o Irã continuar sendo signatário do Tratado de Não Proliferação (TNP)", disse Grossi à emissora de televisão France 2.

A declaração chega no momento em que não há informações sobre

o paradeiro ou a possível destruição de aproximadamente 400kg de urânio altamente enriquecido por causa dos ataques israelenses. "A AIEA perde a visibilidade sobre esses materiais desde que as hostilidades começaram", acrescentou Grossi. No entanto, o diretor disse que "não quer dar a impressão de que está perdido ou escondido".

Grossi foi perguntado sobre as declarações do presidente americano Donald Trump, que afirmou que o programa nuclear iraniano retrocedeu várias "décadas" pelos bombardeios de seu país. O

argentino respondeu que não tem muita confiança "nesta visão cronológica sobre as armas de destruição em massa". "Imagino que é uma avaliação política", concluiu.

Credibilidade

Ao justificar a decisão de aconselhar a suspensão da colaboração com a agência da ONU, o presidente do Parlamento iraniano, Mohammed Bagher Ghalibaf, não poupou críticas à organização. "A AIEA, que se recusou inclusive a condenar minimamente o ataque

às instalações nucleares do Irã, colocou em jogo sua credibilidade internacional", declarou.

Ghalibaf anunciou que a Organização de Energia Atômica do Irã suspenderá a cooperação com a AIEA "até que seja garantida a segurança das instalações nucleares". O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Esmail Baqai, confirmou que a cooperação com a AIEA "certamente será afetada". Ele criticou a agência por ter aprovado uma resolução, em 12 de junho, acusando o Irã de não respeitar suas obrigações nucleares.